

## O caráter multifuncional dos marcadores conversacionais de opinião "Eu acho que" e "I think" na fala dos presidentes Lula e Obama

### The multifunctional nature of the conversational markers of opinion "Eu acho que" and "I think" in the speech of Presidents Lula and Obama

Vanessa Hagemeyer Burgo\*  
Leticia Jovelina Storto\*\*  
Paulo de Tarso Galembeck\*\*\*

**RESUMO:** Os marcadores conversacionais, elementos independentes sintaticamente do verbo, são formados por um ou mais itens ou expressões lexicais. Eles contribuem para o monitoramento da conversação e para a organização do texto falado. Além disso, apresentam caráter multifuncional, porque podem operar como organizadores e/ou articuladores textuais, indicadores de força ilocutória do discurso, planejadores verbais, atenuadores, dentre outras funções. Embora possam ser considerados semanticamente vazios, são muito relevantes na manutenção da interação verbal. Por isso, este trabalho tem o objetivo de analisar o emprego multifuncional dos marcadores conversacionais "eu acho que" e "I think" em entrevistas concedidas pelo ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e pelo atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Como o objeto de análise realizou-se em situação real de interlocução, a metodologia empregada foi a hipotético-indutiva (GALEMBECK, 1999). As análises demonstraram que ambos os políticos empregam esses marcadores ("I think" para Barack Obama e "eu acho que" para Luiz Inácio Lula da Silva) de modo recorrente, com objetivos variados: atenuar o discurso, planejar a sua fala, manifestar opinião, entre outras. Enfim, os marcadores conversacionais são de extrema importância para desenvolvimento coerente do texto falado.

**ABSTRACT:** Conversational markers are syntactically independent elements from verbs, and they are formed by one or more lexical items or expressions. These markers contribute to the monitoring of conversation and to the organization of spoken text. In addition, they are also multifunctional mechanisms because they can operate as textual organizers and/or articulators, illocutionary force indicating devices, verbal planners and attenuators, among other functions. Although they may be considered semantically empty, they play an essential role in the maintenance of verbal interaction. Therefore, the aim of this work is to analyze the multifunctional use of the conversational markers "I think" and "Eu acho que" in interviews given by both the former Brazilian President Luiz Inácio Lula da Silva and the current President of the United States Barack Obama. As the analysis was carried out in a real situation of interlocution, the hypothetical-inductive methodology was employed (GALEMBECK, 1999). According to the findings, we highlight that both politicians widely employ the markers "I think" and "eu acho que" in order to achieve different objectives: to mitigate their discourse, to plan their speech, to express their opinion, among others. Finally, we claim that conversational markers are extremely important for the coherent development of the spoken text.

\* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. Contato: vanessaburgo@hotmail.com

\*\* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. Contato: leticiajstorto@gmail.com

\*\*\* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: ptgal@uel.br

---

|  |  |
|--|--|
| <b>PALAVRAS-CHAVE:</b> Texto Falado;<br>Interação Verbal;<br>Conversacionais de Opinião. | <b>KEYWORDS:</b> Spoken text;<br>Interaction; Conversational Markers<br>Opinion. |
|--|--|

---

## 1. Introdução

A conversação, atividade habitual de interação entre os indivíduos, representa, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 08), “**a comunicação oral face a face**, na qual pelo menos dois falantes [...] se exprimem, cada qual em seu turno”. Para Marcuschi (2006, p. 14), ela é “a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Esse exercício de fala implica uma interação entre seus participantes, os quais se influenciam mutuamente. Falar é, portanto, trocar e mudar na troca, isto é, alternar os papéis de falante e de ouvinte, modificando o decorrer da interação e a vez de falar. Além do mais, podemos afirmar que “**as conversações são geralmente consideradas como a forma prototípica**” da interação verbal (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 14). Segundo Koch e Vilela (2001, p.432):

A **conversação** mistura várias modalidades e gêneros, produz-se no intercâmbio de pontos de vista, onde se intercalam narrações, anedotas, piadas, gestos, pausas e mímica, ao lado de regras de cortesia e de cooperação, etc. Há a procura, por parte dos falantes, de uma boa imagem, tentando-se obter o reconhecimento ou a admiração por parte dos ‘partners’ da conversa. É sobretudo um jogo social, em que não há uma estratégia previsível e muito menos uma estratégia única. É tanto um ato social como um ato lingüístico, talvez mais aquele do que este. Aqui a comunicação é simultaneamente o meio e o propósito da conversação.

Essa atividade é uma prática cotidiana e necessária ao ser humano, já que é por meio dela que ele interage com outras pessoas e com a sociedade. Assim, a conversação representa o intercurso verbal em que dois ou mais participantes se alternam, sendo, por conseguinte, um processo colaborativo, já que nela estão envolvidos os participantes do ato interacional. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), não é suficiente que os interactantes alternem suas falas para a troca comunicativa, mas que estejam engajados nessa troca e que sinalizem seu engajamento, de modo a validar a interação. Para isso, recorre a recursos variados, como o emprego de marcadores conversacionais de opinião, os quais apontam para a opinião do falante, salientando-a ou relativizando-a.

Assim, o foco desta pesquisa é discutir as várias formas de utilização dos marcadores conversacionais de opinião como estratégias de conduzir o ouvinte ao ponto de vista defendido pelo falante, sem que isso seja percebido de modo transparente. Esses mecanismos não denotam apenas uma apreciação valorativa acerca de um determinado assunto; exercem, na realidade, diversas funções, dependendo do modo como são empregados no texto falado. Para tanto, o trabalho fundamenta-se nas teorias da *Análise da Conversação* e em trabalhos de Galembeck e Carvalho (1997), Marcuschi (2006, 2001, 1989), Rosa (1992), Urbano (1997), entre vários outros.

## 2. *Continuum* entre fala e escrita

Apesar de existirem diferenças e semelhanças entre fala e escrita, não se pode relacioná-las numa perspectiva dicotômica e fora de seu uso em práticas sociais, mas situá-las em um *continuum* tipológico da produção textual. Preferimos, então, discutir essa questão de acordo com os preceitos que distinguem língua falada (LF) e língua escrita (LE) dentro de uma abordagem pautada no uso da língua, que integra o contexto das práticas comunicativas e dos gêneros textuais. Conforme postula Marcuschi (2001, p.42):

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (...) Certamente, o sucesso da análise dependerá também da concepção de língua que fundamentará a perspectiva teórica, bem como da idéia de funcionamento da língua como fruto também das condições de produção, ou seja, da atividade de produtores/receptores de textos situados em contextos reais e submetidos a decisões que seguem estratégias nem sempre dependentes apenas do que se convencionou chamar de sistema lingüístico. Daí a necessidade de se adotar um componente funcional para analisar a relação fala versus escrita enquanto modalidades de uso.

No contínuo tipológico, existem gêneros da escrita que se situam mais próximos ao polo de um determinado gênero da fala, assim como há gêneros da fala que se situam mais próximos de um determinado polo da escrita, havendo, ainda, gêneros mistos. Para exemplificar o exposto, pode-se dizer que seria mais aconselhável comparar uma conversação espontânea a um bilhete, do que compará-la a uma conferência acadêmica num congresso. Isso porque existe

uma gama de textos que são produzidos em condições naturais e que se encontram tanto no plano da fala quanto no plano da escrita e, também, textos que se entrecruzam, podendo constituir domínios mistos.

Prete (1998, p. 83-84) assinala que:

A rigor, o que existe no *continuum* fala/escrita é uma tipificação textual, que iria desde a conversa distensa do dia a dia, até a exposição científica tensa ou o pronunciamento oficial de uma autoridade, no caso da língua falada; e desde a informalidade de uma carta familiar até a elaboração de um texto literário ou de um artigo científico, no caso da língua escrita. Mas, se observarmos qualquer desses tipos de texto em que se notam diferenças e semelhanças entre fala e escrita, seria impossível afirmar que existe uma perfeita correspondência entre eles, de tal forma, por exemplo, que a linguagem de uma carta familiar pudesse ser a representação exata da linguagem falada do dia a dia.

Nessa perspectiva, Chafe (1982) observa que afirmações categóricas acerca da LF e LE aplicam-se, na verdade, aos extremos de um *continuum*. Há estilos de fala que estão mais na direção da escrita e outros estilos de escrita que estão mais próximos da fala.

Para Brown e Yule (1997, p.07), gêneros de textos falados que se aproximam dos escritos podem ser encontrados em discursos de falantes que costumam se apresentar em público, como, por exemplo, os de políticos, advogados e acadêmicos. Apesar disso, é interessante observar que muitos desses indivíduos que, frequentemente, falam em público, têm usado uma linguagem relativamente simples, e isso vem crescendo em muitas universidades, cujas palestras acadêmicas têm sido produzidas em um estilo mais simples, que é característico da LF. Há razões para supor que essa linguagem é bem mais fácil de entender, na modalidade oral, que na “língua escrita falada em voz alta”.

Corroborando essa visão, Tannen (1982) assevera que existem peculiaridades em cada modalidade, porém estratégias encontradas em um texto oral podem ser encontradas em um texto escrito, de igual modo podem ser encontradas estratégias do texto escrito em um texto falado. As diferenças formais não se dão em função da modalidade, mas do gênero e do registro linguístico.

Marcuschi (2001, p.38) aponta outra ocorrência que merece atenção: uma aula expositiva, que é tratada como um evento típico da modalidade oral, é composta em parte de leituras que o professor faz e, em parte, são exposições inéditas, ou seja, a aula é composta de textos escritos que auxiliam o docente, e também de textos falados, já que são proferidos

oralmente e de forma original. “Há gêneros que se aproximam da oralidade pelo tipo de linguagem e pela natureza da relação entre os indivíduos, por exemplo, as cartas íntimas e pessoais. Isso já não ocorre no caso das cartas comerciais ou cartas abertas” (MARCUSCHI 2001, p. 38). Observa-se, assim, que é impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diferentes, uma vez que pertencem ao mesmo sistema, porém apresentam particularidades decorrentes das circunstâncias em que são usados.

No que concerne às relações mistas entre os gêneros, o autor coloca em relevo o meio de produção e a concepção discursiva. Nesse sentido, a fala tem concepção oral e meio sonoro, enquanto a escrita tem concepção escrita e meio gráfico. A partir disso, instauram-se dois domínios: o domínio do falado, tanto quanto à concepção quanto ao meio, em contraparte com o domínio do escrito. Não obstante, tanto um como o outro constituem os domínios mistos, por meio dos quais as modalidades se combinam.

O pesquisador toma como base os seguintes gêneros textuais para analisá-los conforme os domínios acima expostos: (1) conversação espontânea; (2) artigo científico; (3) notícia de TV; e (4) entrevista publicada na Revista *Veja*. Os domínios tipicamente falados e os tipicamente escritos são prototípicos, pois o gênero (1) tem concepção oral e meio sonoro, e o gênero (2) tem concepção escrita e meio gráfico. Já o gênero (3) tem concepção escrita, porém meio sonoro, e o gênero (4) tem concepção oral e meio gráfico, configurando-se, pois, como gêneros cujos domínios são mistos, visto que a produção e o meio são de modalidades diferentes (MARCUSCHI, 2001, p. 39-40).

Para Hilgert (2000, p.19), qualquer texto é resultado da relação entre interlocutores e, com base nesse pressuposto:

(...) um texto conceptualmente falado prototípico, ao contrário do conceptualmente escrito, se caracterizaria, do ponto de vista das condições de comunicação, por um alto *grau* de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores e, também, por um destacado *grau* de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação, além de um baixo grau de centração temática.

Segundo o autor, fala e escrita não mais aludem a tipos de textos “dicotomicamente antagônicos, mas sim identificam gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como textos falados ou escritos em maior ou menor *grau*” (HILGERT, 2000, p.19).

De acordo com o quadro a seguir, é possível verificar que as diferenças entre fala e escrita são uma consequência da maior ou menor pressão das condições físicas de comunicação, e causam um efeito sobre o material linguístico, isto é, sobre a organização da informação. Dessa forma, as características que envolvem as estratégias de formulação, observadas na perspectiva do *continuum* tipológico, terão a sua forma e função próprias para cada modalidade da língua.

**Quadro 1:** Relação Fala e Escrita.

|  | FALA   | ESCRITA  |
|--|--|--|
| <b>Condições físicas de produção<br/>(relação do produtor com o contexto físico)</b> | Ausência de espaço temporal para o planejamento, a organização das ideias, a escolha lexical e outros.                 | Tempo maior para reflexão, planejamento, escolha lexical e outros.   |
|  | Planejada localmente (no momento de execução).   | Planejamento prévio.   |
|  | A fala é mais rápida. A média de velocidade da língua falada (incluindo pausas) é em torno de 180 palavras por minuto. | A velocidade da escrita depende da forma como cada pessoa escreve ou digita e, também, das diferenças individuais.     |
|  | Não possibilidade de se apagar o dito.   | Há a possibilidade de se apagar o dito.  |
|  | Os reparos são públicos.   | Os reparos não são públicos e não atingem o leitor.  |
|  | O texto apresenta-se “em se fazendo”, deixando transparecer o próprio processo de construção.                          | O texto apresenta-se pronto, sem marcas do processo de construção.   |
|  | O falante pode observar o ouvinte e suas reações.  | O escritor não pode observar seu leitor diretamente.   |
| <b>Condições de comunicação<br/>(relação do produtor com o ato de produção)</b>      | Tendência a ser mais dialogada.  | Tendência a ser mais monologada.   |
|  | Existência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores.  | Ausência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores.  |
|  | Espontaneidade.  | Reflexão e racionalidade.  |
|  | Falantes interagem com seus interlocutores diretamente.  | Escritores têm menor interação direta com seus interlocutores.   |
|  | Envolvimento dos interactantes entre si e com o assunto da conversação   | Maior distanciamento do autor em relação à obra devido à impessoalidade e à busca de equilíbrio em seu aspecto formal. |

|  |  |  |
|--|--|--|
| <b>Organização da informação<br/>(efeito das duas relações sobre<br/>o material linguístico)</b> | Rarefação na informação.   | Maior densidade na<br>informação.  |
|  | Caráter fragmentário.  | Caráter não fragmentário.  |
|  | Menor elaboração textual.  | Maior elaboração textual.  |
| <b>Organização da informação<br/>(efeito das duas relações sobre<br/>o material linguístico)</b> | O fluxo discursivo apresenta<br>descontinuidades frequentes.                 | O fluxo discursivo não<br>apresenta descontinuidades<br>frequentes.  |
|  | Predomínio de orações curtas,<br>simples ou coordenadas.                     | Predominância de frases<br>complexas, com subordinação<br>abundante.   |
|  | Presença de anacolutos, elipses,<br>truncamentos, correções e<br>repetições. | Ausência de anacolutos,<br>elipses e truncamentos;<br>tendência a apresentar menor<br>ocorrência de correções e<br>repetições. |

**Fontes:** Elaborado com base em Koch (1992, p.68-69); Galembeck e Carvalho (1997, p.831); Campos (1989, p.203-214); Chafe (1982, p. 35-37).

Marcuschi (2001) parte do conceito de língua que pressupõe um fenômeno heterogêneo, ou seja, compreende formas variadas de manifestação: é variável e sensível a mudanças; é histórico e social, pois resulta de práticas sociais e históricas; é indeterminado, sujeito a condições de produção; e evidencia-se em situações concretas de uso. Desse modo, o funcionamento da língua é consequência das condições de produção, por isso, a necessidade de se analisar a relação fala-escrita enquanto modalidades de uso.

Risso (1994) postula que as relações entre fala e escrita devem ser examinadas no âmbito das práticas discursivas, no contexto do uso da língua e das condições de uso da língua. Os padrões de construção da LF e LE são organizados de forma distinta, apesar de partilharem um mesmo sistema léxico-gramatical. Esses padrões são construídos “a partir de especificidades de processamento, transmissão e recepção ajustadas a diferentes situações comunicativas e a diferentes condições de produção” (RISSO, 1994, p. 62).

A autora defende a relação entre fala e escrita livre de preconceitos, equívocos e falsos juízos de valor. Nesse sentido, a língua ocupa o papel de atividade interacional e não somente como código: no tratamento da LF como instrumento que reflete os processos de criação da linguagem com mais autenticidade e no exame da importância da LF para a aquisição da LE, tornando esta um ponto de chegada no ensino escolar.

Ao postular que LF e LE devem ser analisadas como modalidades de uso, têm-se, por outro lado, como práticas sociais, a oralidade e o letramento. A primeira seria uma prática social interativa que visa à comunicação e apresenta-se sob os mais diversos gêneros textuais ou formas sonoras, podendo, ainda, ser realizada formal ou informalmente, dependendo dos contextos de uso. A fala situa-se no plano da oralidade e é uma forma de manifestação textual-discursiva cuja interação é direta, pois os interlocutores participam do mesmo espaço. É caracterizada por ser utilizada sob a forma de sons e recursos expressivos como a gestualidade, a mímica e os movimentos corporais.

O letramento, sendo um processo de aprendizagem sócio-histórica da leitura e da escrita, acontece em situações informais, que também primam pela função utilitária, ou seja, para atender a necessidades e objetivos práticos e específicos. Embora a escrita seja uma manifestação formal do letramento, não significa que um indivíduo, para ser letrado, deva aprender a escrever, pois o letramento não é o correspondente à aquisição da escrita. Há letramentos sociais que são adquiridos independentemente da escolarização. Uma pessoa pode ser analfabeta e, no entanto, ser letrada na medida em que consegue perfazer-se em circunstâncias que exijam determinada habilidade, como, por exemplo, identificar o ônibus a ser tomado, identificar o valor do dinheiro, diferenciar mercadorias pelas marcas etc. O letramento torna possível uma participação expressiva do indivíduo em acontecimentos usuais do cotidiano. Nesse sentido, a escrita seria uma forma de produção textual-discursiva a serviço da comunicação e complementar à fala.

Em conformidade com Marcuschi (1998, p. 140-141):

Na realidade, a língua, por ser um aspecto tão central na vida humana e, em certo sentido, um dos fatores da organização social, não pode ser vista apenas como um instrumento ou uma tecnologia. Nos seus dois modos de uso - oralidade e escrita -, a língua é uma prática social que contribui para constituir, transmitir e preservar a própria memória dos feitos humanos. Nossa história está crucialmente ligada a fenômenos de fala e escrita. Há, pois, aspectos sócio-cognitivos e aspectos históricos relevantes a serem considerados na própria concepção de língua em sentido amplo.

Segundo o autor, a noção do *continuum* “contempla a relação fala e escrita numa visão não-dicotômica sob o ponto de vista sociointeracional” (MARCUSCHI, 2001, p. 40). A distinção entre fala e escrita, inserida nesse panorama, contempla sua utilização para designar formas e atividades comunicativas. LF e LE, por conseguinte, não podem ser tratadas como se

fossem dois domínios díspares, pois há práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita, enquanto outras o são pela oralidade.

### 3. Marcadores conversacionais

Primeiramente, é importante observar que, neste estudo, optou-se pela denominação “marcadores conversacionais” (doravante MC), ao invés de “marcadores discursivos”, pois esses compreendem tanto o campo da LF, quanto o da LE, ao passo que aqueles abrangem os elementos típicos da fala, mais exatamente, da conversação, que é o tipo de texto oral sob análise no trabalho. Cabe salientar que, apesar de haver distinção entre o uso dessas nomenclaturas entre os autores pesquisados, serão mantidas as designações, tais como são mencionadas em suas obras.

Os marcadores conversacionais apresentam-se como elementos independentes sintaticamente do verbo, formados por um ou mais itens ou expressões lexicais, que corroboram o monitoramento da conversação e a organização do texto. Podem ser considerados semanticamente vazios, porém são extremamente relevantes na manutenção da interação. Na visão de Urbano (1997, p.81), os marcadores conversacionais são elementos de “variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão”.

Adotando a nomenclatura “marcadores discursivos”, Levinson (1983, p. 87-88) afirma que existem, em muitas línguas, várias palavras e locuções que indicam a relação entre o enunciado e o discurso anterior. Tem-se, como exemplo, o uso de marcadores de posição inicial, tais como: *but, therefore, in conclusion, to the contrary, still, however, anyway, well, besides, actually, after all*, “mas, portanto, em conclusão, pelo contrário, ainda, entretanto, de qualquer modo, bem, além de, na verdade, afinal de contas”. Essas expressões podem indicar se o enunciado que as contém constitui uma resposta a, ou uma continuidade de algum fragmento do discurso anterior.

Quanto à classificação dos marcadores conversacionais, adota-se a perspectiva de Marcuschi (1989, p. 290-291), que busca sistematizar as formas em classes, subdividindo-as em quatro grupos:

1. **MC simples:** é o marcador que se realiza com um só lexema ou uma paralexema, como as interjeições, os advérbios, os verbos, os adjetivos, as conjunções, os pronomes, entre outros.
2. **MC composto:** de caráter sintagmático, com grande tendência à estereotipia e com pouca alteração morfológica no tipo produzido.
3. **MC oracional:** trata-se de pequenas orações, podendo se apresentar em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo).
4. **MC prosódico:** é o MC formado com recursos prosódicos e normalmente utilizado com algum MC verbal. Encontram-se, nesse contexto, a entonação, a hesitação, o tom de voz, entre outros.

Diante do exposto, é oportuno assinalar que os marcadores não compreendem somente as expressões frequentemente utilizadas pelos falantes, mas envolvem, também, aspectos interacionais, textuais, cognitivos e finalísticos da linguagem. Suas funções são muito abrangentes e, por isso, deve-se considerar o papel que exercem na conversação, em cada situação de uso.

### 3.1 Funções dos marcadores

Diversos autores conceituam os marcadores conversacionais, de acordo com a sua função. Marcuschi (1989, p.282), por exemplo, sustenta o caráter multifuncional dos marcadores conversacionais, os quais operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória. Na análise dos marcadores, consideram-se suas propriedades interacionais (na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais), bem como suas propriedades intratextuais (na estruturação da cadeia linguística).

De acordo com Galembeck e Carvalho (1997, p.831), os marcadores conversacionais têm por função: “assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores; situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles; articular e estruturar as unidades da cadeia linguística”.

Os marcadores conversacionais de função interacional distribuem-se em vários subtipos, em conformidade com a função que exercem. O quadro, adaptado das classificações de Galembeck e Carvalho (1997, p. 840-843), indica esses subtipos:

**Quadro 2:** Subtipos de Marcadores Conversacionais de Função Interacional \*

| MARCADORES<br>CONVERSACIONAIS DE<br>ENVOLVIMENTO DO<br>OUVINTE   | MARCADORES<br>CONVERSACIONAIS DE<br>SUSTENTAÇÃO DO<br>TURNO  | MARCADORES<br>CONVERSACIONAIS DE<br>MANIFESTAÇÃO DE<br>OPINIÃO  |
|--|--|---|
| Representados pelas expressões <u>veja</u> , <u> você veja</u> , <u>olha</u> , <u> você sabe</u> , <u> você repara</u> , <u> você imagina</u> , <u> você pode ver</u> e demais locuções assemelhadas, usadas para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio. | O texto falado é planejado localmente, nele o planejamento coocorre com a execução. Por isso, são frequentes os silêncios, hesitações ou dificuldades na construção da frase ou do texto. Nesse caso, o silêncio (pausas não preenchidas) deixa vulnerável a posição do locutor, já que permite que o turno seja ocupado pelo outro interlocutor. Dessa forma, o falante acaba por preencher as pausas, empregando determinados marcadores não lexicalizados ( <u>ahn</u> , <u>uhn</u> , <u>eh</u> , <u>ah</u> ) e de alongamento <sup>1</sup> , como: <u>certo::</u> , <u>ahn::</u> . | Representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução, esses marcadores podem ser divididos em dois grupos:<br>■ os que indicam que o locutor assume explicitamente as opiniões ou conceitos emitidos ( <u>creio que</u> , <u>acredito que</u> , <u>tenho certeza [de] que</u> );<br>■ e aqueles por meio dos quais o locutor manifesta falta de certeza ou convicção ( <u>eu acho que</u> , <u>na minha opinião</u> ). |

\* Adaptado de Galembeck e Carvalho (1997, p.840-843).

Em consonância com os autores, a “posição dos marcadores não é fixa” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p. 833). O mesmo marcador pode ser usado em posições distintas, como no caso do “eu acho que”, o qual, frequentemente, ocupa a posição inicial, mas, também, pode aparecer em posição medial. Isso demonstra as propriedades que resultam do caráter multifuncional dos marcadores conversacionais.

### 3.2 Marcadores Conversacionais de Opinião

Segundo Galembeck (1999, p. 182), os marcadores conversacionais de opinião podem ser representados por duas classes gramaticais, a saber: “os verbos de opinião, geralmente utilizados na primeira pessoa do singular (*acho*, *creio*, *suponho*, *vejo*, *noto* e similares) e certas expressões adverbiais (*na minha opinião*, *no que me diz respeito* e similares)”. Existem casos,

<sup>1</sup> O alongamento, na transcrição, é apresentado por meio de dois pontos.

no entanto, em que os “verbos de valor epistêmicos (*vejo, acho, noto*)”, os quais, normalmente, expressam certeza e convicção, podem vir acompanhados de expressões que “denotam incerteza ou imprecisão”. Além desses verbos, o locutor pode manifestar sua opinião por meio de locuções adverbiais que assinalam, de modo geral, “que se trata de uma opinião marcadamente pessoal” ( *pessoalmente, para mim, por mim* e outros) (GALEMBECK, 1999, p. 182-185).

Esses marcadores, como Rosa (1992, p. 65) observa, podem exercer a função de “emolduramento”, que implica o intuito de o locutor orientar seu interlocutor a respeito de como interpretar o discurso em andamento. Eles contribuem, ainda, para distanciar reações contrárias das pretendidas pelo falante, assim como os “anúncios” ou “*disclaimers*” (pequenos “avisos” que buscam evitar mal-estar e rejeições por parte do interlocutor, são exemplos disso: “*eu não sei muita coisa sobre isso, mas...; veja bem... posso estar enganado... mas; sem querer ser grosseiro e sem querer te corrigir... creio que...*” e outros) e atos que venham a ameaçar a face do interlocutor.

Segundo Galembeck (2002), pode-se perceber as marcas de interpessoalidade, as quais são representadas por marcadores conversacionais de opinião, geralmente construídos com verbos de valor cognitivo: *acho que, creio que, você sabe que* e semelhantes. Essas expressões operam na coesão textual, visto que auxiliam a extensão do tema, geralmente por meio da introdução de uma explanação.

#### 4. Análise dos dados

O *corpus* é composto dos seguintes textos: ♦ uma entrevista concedida pelo ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva à repórter brasileira Melissa Monteiro, realizada no dia 15 de julho de 2005, em Paris, e exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, no dia 17 de julho de 2005 (E1); ♦ uma entrevista concedida por Luiz Inácio Lula da Silva ao repórter Pedro Bial, no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, em 1º de janeiro de 2006 (E2); ♦ três entrevistas concedidas pelo então presidente brasileiro ao jornalista Luciano Seixas, do programa de rádio “Café com o Presidente”: a primeira foi ao ar em 05 de maio de 2008, com duração de seis minutos (E3); a segunda em 19 de maio de 2008, com duração de seis minutos (E4); e a terceira, em 30 de junho de 2008, com duração de seis minutos e nove segundos (E5); ♦ três pronunciamentos do atual presidente americano Barack

Obama, realizados nos dias 20 de outubro de 2009 (P1), 02 de novembro de 2009 (P2) e 04 de junho de 2010 (P3), disponibilizados na sessão “vídeo” do site oficial do governo<sup>2</sup>.

No excerto que segue, Luiz Inácio Lula da Silva fala a respeito do andamento de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito<sup>3</sup>):

Fragmento 1:

*(...) depois que a CPI terminar o trabalho dela ela vai ter que mandar isso para o Ministério Público e o Ministério Público então vai... decidir o que fazer com o resultado... é importante lembrar que também não é a primeira vez que no Brasil ãhn ãhn tem uma CPI ou seja... nós gostamos muito de CPI e elas são feitas sistematicamente... e eu acho que... isso faz parte do jogo democrático... (...) (E1 – 01/01/2006)*

No que concerne ao uso de “eu acho que”, em certas ocasiões, sua função de manifestar opinião deixa de ser predominante. Em alguns casos, seu papel é atenuar, preservar a imagem do locutor, como podemos observar no segmento acima, em que esse termo traduz uma opinião imbuída semanticamente de um valor ideológico e de um objetivo pretendido, porém, feito de forma um tanto sutil. A instauração de CPI faz com que o governo, especialmente o Partido dos Trabalhadores, enfraqueça. Procurando minimizar esse problema, atribuindo-lhe naturalidade, o ex-presidente brasileiro diz: “eu acho que... isso faz parte do jogo democrático”. O emprego de “eu acho que” ameniza o que será dito e, ao mesmo tempo, ajuda a assegurar a posição do próprio falante.

Marcadores como *eu acho (que)*, *creio (que)*, *eu gostaria de saber*, *eu sei*, *me parece que*, *eu tenho a impressão*, *acredito que* apresentam-se como prefaciadores de opinião e evidenciam um julgamento pessoal, mas também possuem valor *atenuativo*. Por essa razão, manifestam a subjetividade, pois não apenas revelam a presença do interlocutor, como também contribuem para reduzir a responsabilidade do falante em relação ao parecer exposto. Esses marcadores diminuem a força ilocutória do enunciado a partir do momento em que o entrevistado emite sua opinião amparada em um senso comum para alicerçar sua justificativa a

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/>>.

<sup>3</sup> As CPI investigam e apuram denúncias contra políticos brasileiros, visando à proteção dos interesses da população brasileira. “A CPI é uma investigação conduzida pelo Poder Legislativo (Câmara de Deputados Federais e Estaduais ou Vereadores), que transforma a própria Câmara Parlamentar em uma comissão, que é nomeada pelos membros da Câmara, sendo assim, a comissão vai agir em nome da instituição, realizando um inquérito ou uma investigação. Concluída, a CPI aponta ou não os culpados e suas penas”. (RIBEIRO, Thiago. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/politica/cpi.htm>>. Acesso em: ago. 2013.

respeito das CPI, tentando, assim, precaver-se de possíveis reações negativas advindas do interlocutor.

No discurso de Obama, podemos observar o uso de “I think” como um prefaciador de opinião acerca da oferta de créditos e corte de impostos. O falante se vale desse marcador para não se comprometer com algum dado acerca do qual não esteja plenamente convicto ou com uma situação que não venha a se concretizar (*It's likely this week... – é provável que nesta semana...*).

Fragmento 2:

(...) *And I think that there are some excellent ah:: ideas that are already on the table... some of them are being talked about in Congress... it's likely this week that we... start seeing some discussion about... potential... tax cuts and credits that could make some difference in hiring... but we want to go beyond just tax policy (...)(P2 - 02/11/2009)*

Segundo Galembeck e Carvalho (1997, p. 844), os MC de opinião, geralmente, encabeçam o enunciado e, por essa razão, são conhecidos também como prefaciadores de opinião. “Em alguns casos, porém, esses marcadores podem ocupar a posição medial no enunciado, o que acentua o efeito de incerteza ou falta de convicção”, como no segmento abaixo:

Fragmento 3:

(...) *President Karzai... ah:: as well as ah:: the other candidates I think... have shown...ah that they have the interest... of the Afghan people at heart... ah:: that... this is a... reflection ...of a commitment to rule of law ah:: and a/an insistence that... the Afghan people's will... should be done...ah and so... ah:: I expressed the American people's appreciation ah::: for this step (...)(P1 - 20/10/2009)*

Marcadores como *eu acho que* e *eu tenho a impressão de que* apontam para uma falta de certeza plena. Esses MC atenuam a força ilocutória das asserções, de modo que o falante deixar de assumir integralmente o que diz, prevenindo-se de arranhar a face de seu interlocutor ou a sua própria e, por conseguinte, preservando a face dos interlocutores, o que mostra que a presença do ouvinte torna-o agente da interação.

Fragmento 4:

*Entrevistado: São erros... e tanto é que que foram punidos... o Genoíno saiu da presidência do PT... o Silvinho não está mais no PT... e o Zé Dirceu perdeu o*

*mandato... o Delúbio saiu do PT... porque... pra mim a apuração ela tem que ser feita... (...)(E2 – 15/07/2005)*

Fragmento 5:

*(...) It's also gonna... require that we... look at new models for where... future growth is going to come from... because one of the... I think key understandings coming out of this past financial crisis is that... a lot of our growth was debt-driven... credit cards being maxed out... ah... home... equity loans being taken out to finance a lot of purchases (...)(P2 - 02/11/2009)*

No fragmento (4), há o emprego da locução adverbial “pra mim”, com função pragmático-interacional de emolduramento, caracterizado como um marcador de opinião com valor atenuativo. É o caso de “I think” no exemplo (5). Esse tipo de marcador colabora para atenuar a discordância de opinião que o interlocutor possa manifestar, suavizando o discurso e indicando a forma como o entrevistado deseja ser interpretado. Além do mais, o emprego desse marcador faz transparecer uma imagem de humildade para o falante, haja vista não se trata de um discurso categórico e engessado, mas apenas da sua opinião, que pode estar certa ou não. Como se trata de uma opinião, o interlocutor não pode cobrar do falante a certeza dos fatos.

Fragmento 6:

*e o governo tem mais autonomia ainda com relação ao PT... eu eu eu (+) eu acho que... o PT teve um... problema... sabe? que é da questão da direção porque... ah... houve um tempo em que os melhores quadros da política de esquerda do Brasil... eram dirigentes do PT... e depois que nós ganhamos prefeitura nós ganhamos governos estaduais elegemos muitos deputados eu ganhei a presidência... grande partes desses quadros do PT vieram para o governo... e a direção ficou muito fragilizada ficou muito... enfraquecida... (...)(E1 – 15/07/2005)*

No sentido de justificar o motivo pelo qual o PT tem problemas, o político assevera, no excerto acima, que isso se deu em função das perdas políticas do partido, porque conquistaram cargos no governo estadual e no governo federal. Sua avaliação é marcada pelo emprego do prefaciador de opinião “eu acho que”, combinado à repetição e à longa pausa, que denotam hesitação ao elaborar o que vai dizer por conta de ter que admitir um problema inegável, mas que pode ser abrandado pela maneira como é colocado (eu eu eu (+) eu acho que...). Vale mencionar que ele conta com a aprovação e apoio do ouvinte para que sejam aceitas suas formulações. Nesse fragmento, a utilização do “eu acho que”, a repetição das pausas e do dêitico (“eu”) demonstram, além do planejamento discursivo, a insegurança do falante, o que pode ser

comprovado com o marcador conversacional “sabe?”, o qual, no caso, busca a aprovação do interlocutor, sua colaboração.

Segundo Urbano (1990, p. 626-628), por ser formado por um elemento verbal, o marcador “eu acho que” pode ser, morfológica e sintaticamente, transformado em uma série de outras variantes de uso habitual, com carga semântica parecida, como, por exemplo, “(eu) achei/ achava/ tenho achado (que)”, “(me) parece/ pareceu (que)”, “(eu) tenho (a) impressão (de) (que)”, “(eu) suponho/ acredito/ creio/ considero/ entendo (que)”, entre outras expressões. Embora nem todas essas variantes manifestem exatamente o conteúdo semântico do marcador “eu acho que”, com valor de suposição, todas expressam o valor de opinião e orientam o ouvinte quanto à forma como o falante deseja ser interpretado, como nos exemplos a seguir:

Fragmento 7:

*tudo que eu desejo na vida... é que a CPI apure corretamente o que tem que apurar... FAÇA todas as acareações que tiver que fazer... APREsente o seu relatório final... o Mini/o Ministério Público a partir daí... vai fazer as suas investigações... e aquilo que for... para o Poder Judiciário será julgado aquilo que precisar de a Polícia Federal investigar... será investigado porque... **eu acredito piamente que o Brasil... vai ao longo dos próximos dez, vinte ou trinta anos... se nós quisermos transformar na grande nação que eu sonho em transformar o Brasil... (...)(E2 – 01/01/2006)***

Fragmento 8:

*(...) invista mais na indústria brasileira para que ela possa crescer mais gerar mais empregos e portanto gerar... mais salários para o povo trabalhador... **eu acho que é um momento importante pro Brasil eu tenho dito que... é quase como se fosse um momento mágico pro país mas eu digo sempre que tem que ter uma euforia comedida ou seja nós temos que saber... que:: em política econômica cê tem que estar de olho todo dia porque você precisa olhar... os gastos que você faz cê não pode gastar mais do que aquilo que você ganha... ao mesmo tempo nós não podemos vacilar... em não cumprir os compromissos que nós temos com o PAC por exemplo de fazer as obras de infraestrutura... então **eu acredito que** nós precisamos ficar felizes mas ao mesmo tempo com muita seriedade... e com muita sensatez para que a gente não permita que a euforia... faça com que a gente abandone a seriedade com que estamos trabalhando até agora (...)*** (E3 – 05/05/2008)

Fragmento 9:

*(...) I don't know about you... I don't wanna go backwards... I wanna move forward... (aplausos) **And I believe...** that the American people wanna move forward as well... (aplausos) and this economy hasn't returned to prosperity yet... but we're heading... in the right direction... there are gonna be some ups and downs (...)* (P3 - 04/06/2010)

No trecho “eu acredito piamente” (fragmento 7) e “eu acredito que” (fragmento 8), o ex-presidente brasileiro utiliza um marcador conversacional que, normalmente, cumpre o papel de manifestação de opinião, que demonstra certeza do que diz e assume responsabilidade pelo enunciado. Entretanto, esse sentido, no fragmento 7, implica uma incerteza proposta pela expressão “dez vinte ou trinta anos”, o que sinaliza, por outro lado, um tom de dúvida, pois o espaço de tempo é muito grande, não ficando claro em que ele acredita realmente. Mesmo assim, ao empregar aquele marcador conversacional de opinião (“eu acredito piamente”), o falante transmite uma ideia de convicção que o beneficia para a veracidade de sua assertiva e, conseqüentemente, mitiga o efeito de uma falsa promessa.

Além do prefaciador de opinião “eu acho que”, por meio do qual o entrevistado assume o valor de sua assertiva, há, ainda, a ocorrência dos prefaciadores metadiscursivos “eu tenho dito que” e “eu digo sempre que”. Eles anunciam uma posição constante e sólida do locutor. No trecho “eu tenho dito que... é quase como se fosse um momento mágico pro país mas eu digo sempre que tem que ter uma euforia comedida” (fragmento 8), ele se vale de uma afirmação, que faz de uma conquista um evento miraculoso e extraordinário nunca ocorrido até então, porém, sem se comprometer muito, já que utiliza o termo “quase” para diminuir a carga de comprometimento com o que diz. Depois de exaltar o bom momento do país, o Presidente insere o “mas” com uma ressalva que encaminha o ouvinte a ter uma atitude entusiasmada, mas cautelosa, passando aos ouvintes uma postura que todos deveriam adotar: ser uma pessoa serena, responsável, prudente e que comemora os resultados com moderação, assim como ele (“mas eu digo sempre que tem que ter uma euforia comedida”).

Essa ideia é reiterada por meio da paráfrase realizada pelo entrevistado no recorte “então eu acredito que nós precisamos ficar felizes mas ao mesmo tempo com muita seriedade... e com muita sensatez para que a gente não permita que a euforia... faça com que a gente abandone a seriedade com que estamos trabalhando até agora” (linha 20). Observamos que o Presidente utiliza o marcador de opinião “eu acredito que”, veiculando a certeza do que diz em relação a comemorar os frutos de uma vitória, porém, com parcimônia.

Considerando-se que existem falantes, cujo comportamento é mais informal do que outros, pode-se dizer que a expressão “eu acho que”, semanticamente, assemelha-se, mesmo que em menor grau, a “suponho que”, “acredito que” e “creio que”. Embora a situação seja formal (posicionamento do Presidente da República), o entrevistado busca criar um clima

informal, agindo de modo coloquial e sem cerimônias, porém, com o uso de certos elementos que lhe conferem mais confiança (“eu acredito que”, ao invés de “eu acho que”).

Assinala-se o uso do mesmo marcador na argumentação do presidente americano. Ao apoiar sua fala em um lugar comum (*So I don't know about you I don't want to go backwards I want to move forward and I believe that the American people want to move forward as well – então eu não sei quanto a vocês eu não quero regredir eu quero avançar e eu acredito que o povo americano também quer avançar*), Obama consegue a adesão dos ouvintes, os quais imediatamente respondem com um gesto de aprovação, os aplausos. Trata-se de um preâmbulo que suaviza o teor da informação subsequente (*a economia ainda não voltou a prosperar e haverá altos e baixos*), mas de maneira atenuada devido ao emprego do marcador “eu acredito”. Com isso, o presidente americano passa a confiança de que as dificuldades serão superadas e de que o governo e o povo estão juntos, caminhando na direção correta.

Fragmento 10:

*Entrevistador: O senhor acredita que ele vai recuperar essa credibilidade?*

*Entrevistado: Vai vai recuperar... vai recuperar...*

*Entrevistador: Tem salvação?*

*Entrevistado: **Eu acho que** tem salvação porque o PT é um partido muito grande... e numa família quando alguém... comete um erro qualquer você não pune a família inteira... vai ser punido quem cometeu o erro... e a legenda continuará com a mesma grandeza que fez política nesses últimos... vinte anos (E2 – 01/01/2006)*

Vê-se, no recorte acima, que o entrevistado utiliza o marcador conversacional de opinião “eu acho que” como elemento que denota incerteza. É atenuador, pois afirma que o PT tem salvação, ele não tem como garantir o que diz e, por isso, apoia-se em um julgamento próprio, mas com certo grau de incerteza que o exime da responsabilidade de fazer uma afirmação para a qual não tem total convicção. Evidencia-se o uso de “I think” com função semelhante em:

Fragmento 11:

*(...) I've said before... but **I think** it bears repeating... that... we have come a long way since January... ah when... at that time we were losing seven hundred jobs/at seven hundred thousand jobs... per month... and... across the political spectrum I think there was fear of the possibility of... another Great Depression (...) (P2 - 02/11/2009)*

Além de atenuadores, esses marcadores podem marcar a subjetividade discursiva, são representados por marcadores conversacionais de opinião, geralmente construídos com verbos de valor cognitivo ou de percepção (*vejo que, percebo que, acho que, creio que, você sabe que* e assemelhados). Eles reafirmam a presença e voz do falante, trazem-no para a situação discursiva, apresentando sua opinião. Ademais, essas expressões operam na coesão textual, visto que auxiliam a extensão do tema, normalmente, por meio da introdução de uma explanação.

Fragmento 12:

*(...)APREsentamos uma proposta que tá no Congresso Nacional... eu não posso::... bater escanteio e marcar o gol ao mesmo tempo eu enviei o meu processo... ao Congresso Nacional que espero que ele vote... a reforma trabalhista **eu acho que** ela precisa ser feita... ser feita da forma mais madura possível para que a gente possa adequar o Brasil ao século vinte e um (...) (E2 – 01/01/2006)*

Fragmento 13:

*(...) Cost/consumers **I think** wisely recognized that they can't... get that overextended any more and businesses are gonna be more cautious in terms of ah... how they... ah... approach... ah taking on... a lot of debt... the government... is gonna have to get serious about... reducing our debt levels(...) (P2 - 02/11/2009)*

Nos dois recortes anteriores, existe a recorrência do MC “eu acho que” e “I think” com a apreciação valorativa do entrevistado acerca do assunto proposto. Não é um marcador que denuncia uma incerteza ou dúvida, uma vez que a realização da reforma trabalhista e a revisão das dívidas do país são dois temas óbvios para o bom andamento de uma nação, sendo, portanto, um lugar comum, revestido de uma opinião aparentemente própria e que, dificilmente, será contestada.

Fragmento 14:

*(...)eu **acredito que**:: os investimentos que o governo tem feito no PAC... os investimentos que as empresas privadas têm feito... têm:: dado uma demonstração vigorosa de que nós vamos conseguir reduzir o desemprego... muito mais fortemente ainda nós já temos um número mais baixo de muitos anos... e **eu acredito que** a partir do ano que vem... as obras do PAC estarão já em: em andamento com muito mais... força com muito mais volume... ah:: só pra você ter ideia quando nós tomamos posse o Brasil tinha... trezentos bilhões de reais de crédito hoje o Brasil tem mais de um trilhão... de crédito isso significa que tem gente tomando dinheiro emprestado pra fazer investimento... em alguma coisa isso significa que vai gerar mais empregos... e todos nós trabalhamos com essa convicção ou seja... não tem nada mais sagrado... pra um chefe de família ou pra*

*uma mulher... do que trabalhar e no final do mês levar... pra sua casa o sustento pra a sua família com o dinheiro ganho com seu suor... quando eu pego os números do Ministério do Trabalho do Caged... e constato... que nos primeiro cinco meses... nós criamos um milhão e cinquenta e um mil empregos com carteira assinada... e que a tendência natural é isso vir crescendo... porque as empresas fizeram muitos investimentos.... a/as obras do PAC as grandes obras do PAC começaram a ser contratadas agora... agora é que elas vão começar a gerar muito mais empregos... e é isso que o Brasil precisa... mais emprego mais salário mais renda mais consumo ou seja é isso que o Brasil que torna o Brasil... mais feliz... é isso que torna o povo com a autoestima bastante elevada... porque eles estão percebendo que as coisas... estão acontecendo... agora graças a Deus a economia está em ordem... as pessoas estão fazendo investimento e o emprego tá crescendo é tudo... o que o trabalhador deseja (...) (E5 – 30/06/2008)*

As duas ocorrências de “eu acredito que” traduzem uma opinião imbuída semanticamente de um valor ideológico e de um objetivo pretendido, porém, feito de forma um tanto sutil. O entrevistado se vale de um marcador conversacional de opinião para não se comprometer com alguma explicação da qual não tem plena convicção (primeiro caso), ou com uma situação que não venha a se concretizar no futuro (segundo caso). Note-se que, no decorrer do texto, o falante faz várias afirmações, para as quais há certeza. Contudo, quando ele não quer assumir totalmente a responsabilidade do seu discurso, emprega esse marcador, cuja função, no caso, é atenuar a força ilocutória do discurso, de modo a proteger a face do falante.

Vale observar a construção da imagem positiva do entrevistado no trecho “todos nós trabalhamos com essa convicção ou seja... não tem nada mais sagrado... pra um chefe de família ou pra uma mulher... do que trabalhar e no final do mês levar... pra sua casa o sustento pra a sua família com o dinheiro ganho com seu suor...”. Ele, enquanto Presidente, coloca-se no lugar daquele que proverá condições para que o trabalhador tenha uma vida digna e honrada, a partir do que produz com seu suor.

Ressalta-se, também, que o então Presidente do Brasil não faz distinção entre os sexos (chefe de família ou mulher), e isso o auxilia em não ser considerado preconceituoso, mas um indivíduo consciente de que, nos dias atuais, o chefe de família nem sempre é o homem. Subentende-se, portanto, que as condições que o governo tem proporcionado ajudam a população a ter uma maior autoestima. Seu propósito, como se vê, é de conduzir o interlocutor a um dizer conjunto (“eles estão percebendo...”), como se tal assertiva fosse a verdadeira expressão da verdade, isto é, mesmo que não seja, faz parecer que é. Disso decorre a ausência de marcadores conversacionais como “eu acho que” e “eu acredito que” nesse momento da fala.

Fragmento 15:

*(...) olha essa ação na verdade... de premiar... as pessoas que trabalham com mais eficiência a questão da merenda escolar... é uma forma... de premiar as prefeituras brasileiras que melhor geriram o programa de alimentação escolar... essa premiação permite avaliar selecionar e divulgar... as boas gestões públicas municipais do programa de alimentação escolar... esse já será o quinto ano... e **eu penso que** é extremamente importante os prefeitos participarem por quê?... porque muitas vezes... esses prefeitos só são criticados ou seja as coisas boas que fazem não aparecerem... e como **nós achamos que** a alimentação das nossas crianças é coisa sagrada e como nós garantimos o recurso para que as prefeituras possam dar... alimentação pras crianças... nós queremos premiar aquelas prefeituras aqueles prefeitos aqueles gestores... que melhor aplicaram os recursos que ah/ah dinamizaram a economia local que compraram dos produtores... locais... e isso é uma forma de a gente tornar público as coisas boas que acontecem neste país por isso... eu queria pedir aos prefeitos para se inscreverem... e você Luciano... dará o endereço para que as pessoas possam participar ativamente (...) (E5 – 30/06/2008)*

No segmento acima, verifica-se a presença de estratégias recorrentes. Há o uso do marcador conversacional de opinião com função de prefaciador “eu penso que”, como uma maneira de anunciar o ponto de vista do entrevistado em ser favorável à premiação dos prefeitos que trabalham, com eficácia, para que a merenda escolar melhore. Essa noção, entretanto, apoia-se no senso comum de que é importante a participação dos prefeitos no programa de alimentação dos estudantes e, dessa forma, evita-se a possibilidade de alguém se contrapor ao que será dito, preservando a boa imagem de quem fala, já que o discurso, provavelmente, será bem aceito pelo ouvinte. Com efeito de sentido semelhante, tem-se o emprego da expressão “nós achamos que”, por meio da qual a manifestação de opinião é diluída em uma fala que, aparentemente, se refere apenas ao ex-Presidente e seu grupo, mas que inclui, tanto o governo como também a sociedade, pois a partir do senso comum, estabelece-se a identificação com o povo e, por conseguinte, sua aprovação. Além disso, o emprego dessa coletividade diminui o tamanho da importância do falante diante do fato, ou seja, trata-se de algo que deve ser promovido por todos, não é uma responsabilidade exclusiva do falante. Assim, esse marcador assume a função de atenuador.

Por meio dessas observações, é possível notar o uso recorrente de marcadores conversacionais com função de prefaciadores de opinião com valor atenuativo. Por vezes, eles denunciam certo grau de incerteza, e, em outras, manifestam certeza a respeito do que é dito, o que, nesse caso, serve para manter ou controlar a construção da imagem que o locutor deseja exibir. O efeito de dúvida indica que o falante não assume integralmente o ponto de vista expresso, reduzindo a carga de responsabilidade em fazer uma afirmação para a qual não tem

plena convicção e, dessa forma, não violando a máxima de qualidade (faça com que sua contribuição seja verdadeira). São sinais de abrandamento, pois diminuem a força ilocutória das asserções, devido ao fato de não demonstrarem um comprometimento direto e explícito. Além disso, o papel desses marcadores está ligado à intenção do falante em orientar o ouvinte a respeito do modo como seu discurso deve ser interpretado (função de emolduramento). Esse recurso colabora para afastar discordâncias de opiniões que poderiam arranhar a face do locutor.

Enfim, os marcadores conversacionais de opinião “eu acho que” e “I think” manifestam a opinião do falante, mas sem um comprometimento pessoal direto. Esses MC são constituídos pelo verbo na primeira pessoa do singular, com o que podemos, portanto, detectar as marcas da enunciação. Representados por verbos ou locuções denotadoras de atividade mental ou de elocução, esses marcadores incluem-se no grupo que indica que o locutor não assume, diretamente, os conceitos emitidos, de modo a atenuar o discurso e, por conseguinte, resguardar a face dos interlocutores. Ressalta-se que o emprego desse marcador é mais comum quando o falante busca amenizar o que é dito em seu discurso, mostrar humildade diante de algum fato ou diminuir sua responsabilidade pelo que afirma, por isso é pouco comum o emprego desse marcador quando o objetivo do falante é assegurar com convicção seu interlocutor de alguma coisa ou quando a responsabilidade por alguém é de terceiros.

## 5. Considerações finais

Observamos, no corpus, a ocorrência de marcadores conversacionais de opinião, que revelam não apenas uma avaliação do emissor, mas também funcionam como argumentos altamente persuasivos. Assinalamos a ocorrência dos MC “eu acho que” e “I think”, os quais apresentam funções que se sobrepõem: em dada situação, podem ser empregados como prefaciadores de opinião; em outro contexto, como indicadores do grau de subjetividade discursiva. Ademais, os marcadores conversacionais de opinião ocorrem em unidades atinentes ao filtro de automonitoramento do falante, podendo ser indicativos de reflexões pessoais, atitudes, pontos de vista, modalizadores e atenuadores, como: *eu acho, tenho a impressão, pra dizer a verdade, na minha opinião, se não me engano, por assim dizer etc.*

É interessante observar que a locução adverbial “pra mim” assume a função de marcador que prefacia uma opinião, revestida de uma conclusão exclusivamente pessoal, mas que tende a atrair a aceitação popular por meio da identificação com as mazelas e percalços vividos pelas sociedades.

Enfim, como foi verificado, os marcadores assumem variadas funções discursivas, de forma a serem empregados pelo falante para atender a seus objetivos e, para isso, carregam-se de semanticamente de sentidos diversos. A aplicação desses mecanismos no discurso confirma a natureza subjetiva do locutor, já que a situação de enunciação e as intenções do emissor, que fazem parte das estratégias da comunicação linguística, tornam-se fatores extremamente relevantes para transformar em efeitos semânticos explícitos as intenções implícitas do locutor. Portanto, o estudo emprego desses elementos em textos falados de gêneros diversos é necessário, inclusive na fala de políticos.

### Referências

- BROWN, G.; YULE, G. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Teaching the spoken language: an approach based on the analysis of conversational English**. 11. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CAMPOS, O. G. L. A. de S.; A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, S. E. (Org.). **Estudos gramaticais**: publicação do curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano III, nº1. Araraquara, São Paulo: UNESP, 1989, p.202-216.
- CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CHAFE, W. L. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood: N. J. Ablex, 1982, p.35-53.
- GALEMBECK, P. de T. Marcas da subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p. 67-88.
- \_\_\_\_\_. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Â. C. de S. *et al* (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.
- GALEMBECK, P. de T.; CARVALHO, K. A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 6, 1997, p.830-850.
- HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na *internet*. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, USP, 2000, p.17-56.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. Trad. de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. G. V; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/ discurso. Coimbra, Portugal: Almedina, 2001.

LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo, Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Marcadores conversacionais no português brasileiro**: formas, posições e funções. Campinas: Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do português falado**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP. Vol. VI. Desenvolvimentos, 1997, p. 95-129.

\_\_\_\_\_. Nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua. A propósito dos “Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª Série do 1º Grau Menor”. **Revista da Anpoll**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. São Paulo: Humanitas, nº4, p. 137-156. Jan./Jun. 1998.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PRETI, D. Oralidade e narração literária. **Revista da Anpoll**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. São Paulo: Humanitas, nº4, p. 81-96. Jan./Jun. 1998.

RISSE, M. S. Língua falada – língua escrita: conceitos e preconceitos. **Confluência**. Boletim do Departamento de Linguística. Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Assis. Ano 3, nº especial, p. 55-63. 1994.

ROSA, M. de M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

TANNEN, D. The oral/literate continuum in discourse. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. Norwood: N. J. Ablex, 1982, p.1-16.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997, p. 81-101.

Artigo recebido em: 02.09.2013

Artigo aprovado em: 09.12.2013